

Paisagem em metamorfose: transitoriedade e paradigma das relações humanas com o território

Domingos Loureiro

Portugal. Investigador Integrado i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade
Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.
dloureiro@fba.up.pt

Paisagem em metamorfose: transitoriedade e paradigma das relações humanas com o território

Resumo

Este dossier, reunido a partir do tema da paisagem em metamorfose, pretende compreender a perspectiva de diferentes investigadores de campos diversificados do saber e do fazer, procurando valorizar o modo como, individualmente, contribuem para uma reflexão que se pretende abrangente e enriquecedora. Pretende ainda lançar dados para outras investigações no seio da prática, do pensamento e dos conceitos sobre a noção de paisagem, onde através dos aspetos, transitoriedade e paradigma das relações humanas com o território, procura o aprofundamento da interdependência do primeiro com o segundo, situação que frequentemente o Humano esquece, ou tenciona esquecer. O dossier divide-se em sete capítulos, organizados por temas que podem ser analisados isoladamente, mas partilhando um diálogo e reflexão conjuntos, havendo assuntos que se estendem de um artigo para o seguinte, em continuidade ou dissonância, quer entre os dados, quer agora pela participação do leitor.

Palavras-chave

Paisagem contemporânea, arte e natureza, investigar em arte, transitoriedade, paradigma.

Paisaje en metamorfosis: transitoriedad y paradigma de las relaciones humanas con el territorio

Resumen

Este dossier, recogido a partir de la temática del paisaje en metamorfosis, pretende comprender la perspectiva de diferentes investigadores de diversos campos del conocimiento y la práctica, buscando valorar la forma en que, individualmente, contribuyen a una reflexión que pretende ser integral y enriquecedora. También pretende dar a conocer datos para otras investigaciones dentro de la práctica, pensamiento y conceptos sobre la noción de paisaje, donde a través de los aspectos, fugacidad y paradigma de las relaciones humanas con el territorio, se busca profundizar en la interdependencia del primero con el segundo, situación. que el Humano a menudo olvida, o intenta olvidar. El dossier está dividido en siete capítulos, organizados por temas que se pueden analizar de forma aislada, pero compartiendo un diálogo y una reflexión conjunta, con temas que se extienden de un artículo al siguiente, en continuidad o disonancia, ya sea entre los datos o ahora. para la participación del lector.

Palabras clave

Paisaje contemporáneo, arte y naturaleza, investigando en arte, transitoriedad, paradigma.

Landscape in metamorphosis: transience and paradigm of human relations with the territory

Abstract

This dossier, gathered from the theme of landscape in metamorphosis, intends to understand the perspective of different researchers from diverse fields of knowledge

and practice, seeking to value the way in which, individually, they contribute to a reflection that is intended to be comprehensive and enriching. It also intends to release data for other investigations within the practice, thought and concepts about the notion of landscape, where through the aspects, transience and paradigm of human relations with the territory, it seeks to deepen the interdependence of the first with the second, situation that the Human often forgets, or intends to forget. The dossier is divided into seven chapters, organized by themes that can be analyzed in isolation, but sharing a joint dialogue and reflection, with issues that extend from one article to the next, in continuity or dissonance, either between the data or now for the participation of the reader.

Keywords

Contemporary landscape, art and nature, investigating in art, transience, paradigm.



Figura 1 - Michael Najjar / high altitude (2008-2010) / dow jones_80-09
(<https://www.michaelnajjar.com/artworks/high-altitude#2>)

Na primeira década do século XXI, o artista, explorador e astronauta¹ alemão Michael Najjar (Landau, 1966) desenvolveu um conjunto de trabalhos, nas séries High Altitude (2008-2010)² e Netropolis (2003-2006)³, sobre a relação entre humano e a paisagem, quer ao nível da perturbação do natural quer da sobreposição das realidades humano - território. Em High Altitude, fotografias de montanhas nevadas, realizadas pela compilação de registos visuais recolhidos em incursões do artista nos Andes argentinos, organizam-se a partir da sobreposição destas com gráficos dos mercados bolsistas, onde as flutuações do capital moldam a fisicalidade do território aparentemente menos controlado pela ação humana. Em Netropolis, uma dupla realidade é apresentada em justaposição, a cidade e a rede de comunicação de dados, numa projeção entre o visível e o virtual, concepção da metrópole que, sobretudo no momento presente, é tão relevante.

Sobre a primeira série, lembro Georg Simmel, em Os Alpes (1911), referindo que os pintores do Romantismo, na sua busca pelo Sublime, nunca haviam sido capazes de dominar a alta montanha nevada, relegando-a unicamente ao estatuto de fundo das suas cenas. O autor refere-se à incapacidade de compreender o impacto da alta montanha nevada, na experiência sublime, quando nos ficamos pela observação distante, propondo a participação de um ponto de vista empírico e não exclusivamente estético. Situação que implicaria estado profundo de submissão com a magnitude incomensurável do território, onde a dificuldade de compreensão deste poderia originar revelação pessoal. O espaço natural potenciaria, desta forma, descoberta pessoal pela incapacidade de compreensão e de domínio da alta montanha nevada, surgindo o natural como processo antropomorfo do sujeito, embora permanecendo intocado, selvagem.

Em High Altitude, a aparência das imagens remete para a monumentalidade das altas montanhas nevadas descritas em 'Os Alpes', mas aqui, a experiência sublime é proposta pela compreensão e incompreensão da magnitude da ação humana e não da

¹WIRED Magazine: Alyssa Coppelman, [Training to Become the First Civilian Artist in Space](https://www.wired.com/2015/06/michael-najjar-outer-space/), August 6, 2015
<https://www.wired.com/2015/06/michael-najjar-outer-space/>

² Najjar, Michael (ed.): "high altitude" Kerber Verlag, Bielefeld, Germany, 2011

³ bitforms gallery / Najjar, Michael (eds.): "netropolis" Berlin, Germany, 2004

natureza a que Simmel faz referência. O território é antropomorfo, não como reflexo emocional do humano, mas como manifestação concreta das ações deste, onde o invisível humano molda o visível da natureza.

Neste propósito, Netropolis de Najjar apresenta de forma evidente a relação entre o visível e a cibernética, onde a segunda é, cada vez mais, a realidade que organiza o território visível, e que no confinamento que a Pandemia SARS-COV-2 nos impôs, tornou mais óbvio a subserviência entre os paralelos físico e digital.



Figura 2 - Michael Najjar / netropolis (2003-2006) / netropolis | berlin
(<https://www.michaelnajjar.com/artworks/netropolis#11>)

Se no início do século XX, a subida às altas montanhas ainda se limitava a alguns exploradores, impelidos por Petrarca, pela descoberta existencial, ou pela simples curiosidade, verifica-se que, 100 anos mais tarde, se realizam circuitos turísticos aos Alpes, ao Evereste, ou mesmo em viagens ao espaço, de que Michael Najjar é claro exemplo. Certamente que não poderemos afirmar que serão circuitos de busca da experiência que Simmel referia, ou tão-pouco para tentar alcançar novas paisagens, ou

de simples acto de satisfação, mas podemos inferir que o espaço sofreu múltiplas intervenções e que, a paisagem, deverá refletir novos paradigmas e novos significados, sobretudo imposto por processos de constante mudança, velocidade e mesmo de urgência. A dimensão do território parece ter-se comprimido a um estatuto de utilização humana, onde a multiplicação das funções e de hiperligações se vão justapondo à aparência que o espaço físico assume.

A constante mudança a que o território é submetido, quer pela imposição das figuras transcendentais Kantianas do tempo e do espaço, quer pela acção e significação humanas, merecem revisão constante na avaliação dos paradigmas que perduram nas designações de paisagem, quer na compreensão dos fenómenos de mudança impostos pela transitoriedade.



Figura 3 - Bleda y Rosa, Alrededores de Waterloo, 18 de junio de 1815. Waterloo, 2011. Injeção de Tinta sobre papel de algodão, montada sobre Dibond. 85x150 cm. Ed. 10 + 1 a/p. (<https://bledayrosa.com/project/-europa/>)

Recordo Bleda y Rosa (María Bleda (Castellón, 1969) y José María Rosa (Albacete, 1970)) que têm tratado a paisagem como eixo central do discurso sobre a transitoriedade e o sublime, apresentam na série 'Campos de Batalla' (1994-2016) a marca do modo como o território se vai convertendo sucessivamente, onde a ruína e

natureza se complementam e se sobrepõem. As funções empíricas a que o espaço é sujeito, as concepções que derivam da sua interpretação, fomentam um pensamento sucessivo sobre este, o lugar, o território, numa amplitude constante de reflexões que modelam a condição e significação desse espaço ao longo do tempo. Em campos de batalha, ou locais onde ocorreram eventos bélicos de relevância, Bleda y Rosa materializam a atrocidade humana através do paradoxo aparentemente pacifista do território, onde paisagens bucólicas parecem ignorar a história humana outrora ali decorrida.

É na compreensão da transitoriedade do espaço-tempo que compreendemos como a relação humana com o espaço, perspectivada pela condição estética, poderá ser redutora da relação com o território e a paisagem, urgindo implicar, uma cada vez mais evidente necessidade, da ética nesta associação.

Ser artista e astronauta, de que Najjar é exemplo, é talvez a combinação mais clara da amplitude dos significados para a caracterização da relação entre humano e território, na atualidade. O artista afirma o seu olhar atento e hipotético sobre as possibilidades poético-estéticas da relação espaço-tempo, num determinado território - conjugação determinante no cunho do termo 'paisagem'⁴ - mas propondo a amplificação dos conteúdos que a envolvem com a inserção do que, não sendo visível, não poderá ser ignorado, e valorizando a natureza científica que possibilitou alcançar estágios anteriormente só permitidos na imaginação de poetas e artistas, como as viagens no espaço.

A paisagem, matéria dos poetas e dos pintores que procuram perceber e colocar-se perante a imensidão do espaço, outrora natural, resume-se a um espaço-tempo circunscrito ao agora e ao aqui. Outrora espaço desconhecido, nos desafios lançados a cientistas e a artistas, o território tem vindo, gradualmente a manifestar-se como antropofórmico, concretamente humanizado. O espaço natural é, foi ou estará para ser, trilho mapeado por um guia de turismo, de oportunidades urbanísticas ou pelo Google

⁴ A determinação da definição da terminologia *Paisagem* associada aos artistas não é unânime, embora aceite por muitos autores, que a colocam no século XVI, em vários países, de forma mais ou menos simultânea. Apesar das várias hipóteses, o significado de paisagem, como uma porção de território, observada (e descrita) num determinado momento, é geralmente aceite e valorizada, assumindo aqui a relação formal com os pintores que tratavam o tema do espaço natural.

Earth, firmando-se consecutivamente as fronteiras do lugar-espaco-Terra e procurando introduzir dimensões intergaláticas impulsionadas por Musk, Trump ou Najjar, entre muitos outros chamados de exploradores. Por sua vez, a migração, movimento nómada dos primeiros homens, permanece como fruto de uma mobilidade física e virtual através do espaço que compõe o Planeta Terra, por motivações de busca pela sobrevivência, ou como processo de expansão comercial, ou como satisfação hedonista, ou todos em simultâneo. Desta forma, a paisagem poderia deixar a sua condição de espaço observado a partir de um determinado ponto, mas passaria a estar sempre disponível, como acesso físico e virtual, em viagens concretas ou em deslocações sobre mapas cada vez mais complexos construídos pela compilação contínua de dados e algoritmos.



Figura 4 - David Buckland, Discounting the Future Buckland/Balkin 2008
(<https://www.bucklandart.com/media/>)

Ao olhar estético do espaço, a que se juntou o fascínio existencial que orientou o Romantismo, junta-se no século XX a magnitude do trauma humano, da destruição bélica e industrial, e recentemente a destruição generalizada dos recursos naturais e do equilíbrio do Planeta. Junta-se ainda a potência do virtual, terreno a desenvolver-se em velocidade supersónica, numa dimensão, agora, totalmente tecnológica resultando numa condição de que a paisagem digital é construção humana, não natural, mas o seu impacto real e no real é concreto.

Em modo de preâmbulo, percebemos que a paisagem tem merecido vasto tratamento e reflexão ao longo dos tempos, quer nas relações humanas com o espaço, quer estéticas e artísticas. Todavia, as questões prevalecem de forma, cada vez mais premente, dado que, ao olhar assente num prazer que Kant descrevia de desinteressado, procura-se agora o comprometimento que Berleant⁵ propõe num diálogo mais ético do que aparente com o espaço.

Este dossier, reunido a partir do tema da paisagem em metamorfose, pretende compreender a perspectiva de diferentes investigadores de campos diversificados do saber e do fazer, procurando valorizar o modo como individualmente contribuem para uma reflexão que se pretende abrangente e enriquecedora. Pretende ainda lançar dados para outras investigações no seio da prática, do pensamento e dos conceitos sobre a noção de paisagem, onde através dos aspetos, transitoriedade e paradigma das relações humanas com o território, procura o aprofundamento da interdependência do primeiro com o segundo, situação que frequentemente o Humano esquece, ou tenciona esquecer. De referir, ainda, que a natureza inclui todos os seres animais, inclusive o animal humano, pelo que falar de humano seria também falar de natureza e vice-versa, embora nem sempre essa condição seja reconhecida ou valorizada.

O dossier divide-se em sete capítulos, organizados por temas que podem ser analisados individualmente, mas partilhando um diálogo e reflexão conjuntos, havendo assuntos que se estendem de um artigo para o seguinte, em continuidade ou dissonância, quer entre os dados, quer agora pela participação do leitor.

⁵ Berleant, A., (2005), *Aesthetics and Environment: Variations on a Theme*, Ashgate Publishing Company, Burlington, Printed in United States of America

Domènec Corbella, pintor e professor catedrático jubilado da Universidade de Barcelona, Espanha, apresenta o texto 'Paisajes del alma: binomios estéticos y pensamientos exentos sobre pintura'. Neste contributo, o autor, na complexa condição de artista, teórico, professor, e sobretudo de Ser, escorre sobre os processos inerentes ao pensamento sobre a pintura de paisagem na relação entre o Ocidente e o Oriente, a partir da praxis autoral, sobretudo baseada na filosofia chinesa. Numa Dialética clara e concisa, Domènec elabora um tratado sobre a construção poética da pintura de paisagem assente na observação e introspecção, abordando os factores que caracterizam os processos sensoriais da vivência da paisagem da cultura oriental, mas também da natureza estética e dos seus elementos estruturantes, na definição de um mundo-alma. A pintura enquanto síntese baseada na estrutura dos poemas em Haiku, ou a síntese a partir da lei dos cinco são alguns dos destaques desta complexa filosofia que busca a aparência da simplicidade, mas de complexo encadeamento vital. Como artista e mediador da filosofia oriental, a paisagem de Domènec é espaço poético e filosófico onde o Ser e o Estar se complementam numa consciência não apenas do que é visível, mas sobretudo do que ocupa o espaço entre as coisas, a que José Gil refere como as pequenas percepções e que Domènec, sem se referir a Gil, parece elencar nas suas pinturas e desenhos. A ressonância vital, o vazio, a escala psicológica ou da natureza, são alguns dos aspetos que apresentam o envolvimento das relações fenomenológica e filosófica entre o artista e o espaço, corporizando na prática artística e, mais do que uma estrutura estética, uma forma de existir.

Sofia Torres, artista, investigadora e professora de pintura, apresenta artigo sobre investigação centrada no autor anterior, Domènec Corbella e a dimensão caligráfica da sua obra, em 'A caligrafia da paisagem: a essência da linha oriental na pintura de Domènec Corbella'.

Centrada nas séries Espírito Essencial e Espírito Zen, realizadas entre 2003 e 2012, Torres analisa o papel da filosofia oriental na construção de uma linguagem pictórica caligráfica.

Num diálogo profícuo sobre a vivência e a experiência da paisagem, a autora, traça um diálogo tangencial entre o artista e o artista e teórico do século XVI, Shitao, sobretudo

assente no argumento apresentado em 'A Pincelada Única'. A autora analisa o processo de depuração e sintetização operado por Corbella, ao longo da prática artística, na construção de uma linguagem e signo complexos, mas de aparência singela.

Maria Luz Bañón, é Investigadora, artista audiovisual e professora de multimedia, originária de Múrcia, Espanha, desenvolve um texto sobre a relação entre o tempo e o espaço, a partir da consciência de que ambos se desenvolvem como um processo cultural e identitário que projecta e se projecta no utilizador do território. Luz, em 'Paisajes líquidos y tiempos disueltos. La cartografía artística y la memoria del lugar', promove uma reflexão teórica e prática sobre a co-construção do lugar como uma simbiose entre o social e o físico, onde o tempo atua como matéria de apagamento ou de reconstrução da memória. A autora avalia a relação, a partir da prática artística contemporânea, como distintas estratégias narrativas dialogam com a questão da transformação do espaço ao longo do tempo, introduzindo a sua própria prática autoral assente nos mesmos princípios. Assim, através de um processo quase arqueológico, a autora, recolhe e recombina diferentes momentos sob a mesma perspectiva urbana, mas em períodos distintos e o resultado propicia uma consciência da mutação do espaço e a sua adulteração, destruição, recombinação ou reutilização ao longo da passagem do tempo. A investigação concentra uma dupla perspectiva prática, de natureza arqueológica, onde a construção e a destruição estão implicitamente sobrepostas e onde o que parece imutável perde a sua certeza; por outro lado, a ruína assume-se na linha entre o passado e a iminência do futuro, numa sinopse do que poderá ser reconstruído ou que virá a ser substituído.

Luz fala sobretudo do papel do urbano como um espaço de diferentes funções e da transitoriedade dos seus elementos, permanecendo mais ou menos presentes, mas sempre vulneráveis aos efeitos da figura transcendental do tempo, capaz de moldar o espaço e a sua identidade.

Na sequência da investigação anterior, **Luís Fortunato Lima**, procura analisar o papel da ruína na obra de Piranesi, avaliando o papel do fragmento na obra e pensamento do autor italiano. Luís, pintor, investigador e professor de desenho e pintura,

desenvolve, a partir da prática do arquitecto e antiquário italiano Piranesi, um diálogo sobre o papel e potencial da ruína, quer na obra do artista, quer como figura para pensar alguns fenómenos da eficácia e estética da arte, onde o fragmento assume o todo e vice-versa. Baseado num conjunto de gravuras de Piranesi sobre Roma no período romano, apresentadas como mapa fragmentado, Luis Fortunato Lima constrói um ensaio sobre as implicações do fragmento e a esteticização da ruína. Num conjunto de gravuras que enfatizam o mapa de mármore fragmentado de Roma, de que Piranesi era possuidor, propõe-se a compreensão da complexidade dos fenómenos de interpretação e envolvimento que as imagens propõem, mas também, o que implicam. O enfatizar do fragmento implica a consciência de uma ausência que assume a incompreensão total ou verídica da cena, propondo a participação do espectador de forma contínua e sistemática, assumindo-se como fenómeno de sugestão onde compreensão e incompreensão se justapõem, onde o que é e o que pode ser estão intrinsecamente relacionados. Este diálogo, que sabemos, manter-se presente na obra arquitectónica de Piranesi, onde o 'inacabado' é utilizado de forma sistemática e estética, é factor decisivo para a compreensão da relação entre passado e futuro, entre construção e destruição, onde a aparência da ruína está presente também na ideia de elemento em construção. O texto, fundamenta ainda o papel que o inacabado ou o interrupto poderá desempenhar de forma concreta como elemento metafórico e interpelativo do espectador, assumindo-se figura-chave para muitos artistas ao longo dos séculos XX e XXI, mas sobretudo, na consciência de uma condição de alteridade constante em que o que é hoje construção, poderá ser ruína amanhã.

Num artigo conjunto, **María Victoria Sánchez Giner** e **Manuel Fernández Díaz**, da Universidad de Murcia, Espanha, abordam a relação genealógica entre a geografia, a história e a arte, na caracterização da terminologia paisagem. Em 'Historia y memoria en el paisaje artístico contemporáneo', os autores traçam uma leitura sobre o papel dos fenómenos culturais da memória na formação de significado na paisagem artística contemporânea. A partir da prática artística de autores como Bleda y Rosa, Marine Hugonnier ou Sergio Belinchón, os autores demonstram como os fenómenos da história e da memória têm participado na construção de uma dimensão

contemporânea de paisagem, evidenciando o processo dinâmico de desenvolvimento dos significados da terminologia paisagem.

Por sua vez, **Isabel Sabino**, artista, investigadora e professora catedrática da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Portugal, num texto com título que apropria um verso da música de Rui Veloso 'Porto Covo', e à imagem do pensamento poético que a autora coloca nas suas reflexões, em 'Havia um pessegueiro na ilha: torres na paisagem, com Holanda, Acre e Puzzle (para "azul")', é tecida uma reflexão sobre a relação entre a criação e o elemento da torre, desde Francisco de Holanda até à actualidade. O artigo assume-se numa linguagem fluida e quase emocionalmente apaixonada ou radicalmente sagaz, para abordar complexos assuntos que traçam a relação entre o espaço físico, arquitectónico e os elementos sociais, onde se inscrevem a política, a cultura entre outros. Através da descrição de 'imagens postais', remetendo para os elementos nostálgicos que foram sendo partilhados ao longo de gerações e que registam memórias e territórios e substituídos agora por experiências digitais, muitas vezes incapazes de se consolidarem como memórias dada a velocidade a que são partilhadas, a autora vai mapeando os processos de idealização, simbologia e concretização de um conjunto de elementos arquitectónicos como o Forte da Ilha do Pessegueiro, o Farol do Bugio, a ponte sobre o Tejo, ou a Torre dos Clérigos. O texto parece evocar num primeiro momento a intencionalidade e participação criativa dos artistas, lembrando autores mais ou menos distantes, para num segundo momento, propor uma consciência crítica sobre o papel que o humano vai tendo sobre o espaço e sobre os seus. Assim, os mesmos que são capazes de gerar beleza e simbologia, são igualmente quem justifica e impõe a sua destruição. O texto assume a clarividência avassaladora de Sabino, num diálogo que cruza os antípodas da criação e destruição, pondo em evidência a capacidade ou incapacidade do humano em se conciliar com o espaço e, eventualmente consigo mesmo. Não se trata, todavia de um artigo com uma condição fatalista, mas na poética e ritmo da música e da arte, expõe as adversas ações que marcam o humano e a humanidade durante a sua presença no espaço do planeta Terra.

Paloma Pelaez Bravo, pintora, investigadora e professora de pintura da Universidad Complutense - Madrid, Espanha, apresenta um artigo sobre a pertinência do estudo dos sistemas arbóreos do ponto de vista da prática pictórica, na configuração de um olhar sobre o território. O artigo 'Arbor-Artealización: elemento configurador del paisaje pintado y su proyección en el aprendizaje servicio' concentra-se num estudo realizado no território ao redor da Universidade Complutense, onde alunos realizaram um processo de observação, interação e representação de espécies de árvores e arbustos existentes. A investigação pretende, além de estudar o impacto dos elementos florestais na construção visual da paisagem, constituir-se como processo para conhecer e compreender o território de forma mais abrangente do que unicamente visual. Baseado na concepção de que a árvore permite a organização formal da paisagem, num processo de artealização, a autora propõe a designação de um processo de arbor-arteealização, onde a árvore actua como parte e estrutura para o todo da paisagem natural.

O artigo centra-se ainda na condição do ensino da pintura in situ, propondo, além de processos de aprendizagem realizados em contacto direto com os elementos visuais e naturais, uma consciência mais profunda do território onde os participantes e alunos estão inseridos. Neste sentido, além de formação técnica e visual, a prática artística promove experiência ética com o território, quer do ponto de vista ambiental, quer social, quer cultural.

António Colchete Filho, professor no Programa de Pós-graduação em Ambiente Construído - Universidade Federal de Juiz de Fora, **Lúcia Costa**, professora no Programa de Pós-graduação em Urbanismo - Universidade Federal do Rio de Janeiro,, e Juliana Varejão Giese, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Viçosa, assinam o artigo 'Interações entre o espaço público físico e o virtual: a Praça Mauá, Rio de Janeiro', onde analisam a relação entre o território físico e o virtual, pelo intermédio do estudo de um elemento escultórico colocado na referida praça durante os Jogos Olímpicos de 2016, a escultura '#CIDADEOLIMPICA'. O artigo analisa como este mobiliário urbano que combina escultura e linguagem funcionam na relação entre o real e o virtual, e como operam

entre a escultura em espaço público e a publicidade. O artigo avalia como a participação dos utilizadores do espaço da Praça Mauá é convocada para a interação e difusão do evento, Jogos Olímpicos, e o território, Cidade do Rio de Janeiro. Avalia ainda o papel determinante que estes objetos assumem numa realidade cada vez mais de interatividade no espaço cibernético mostrando a pertinência da relação entre os dois espaços, o físico e o digital, mas considerando que a inter-relação entre ambos é cada vez mais próxima, de que estes equipamentos urbanos são um forte exemplo. A realidade física é participada pelo território virtual, mas a consciência da funcionalidade de ambos depende da eficácia do elemento escultórico, do território e dos participantes.

Susana Piteira, escultora, investigadora e professora de cerâmica e escultura, desenvolve uma reflexão sobre a relação entre a matéria e o território, na definição de processos de natureza poética e história. Em, 'Da natureza à arte. Uma poética da criação', a autora parte da concepção de Bachelard de 'poética da criação' para compreender os fenómenos que estão implicados na produção artística, a partir da perspectiva da relação entre o material e a natureza de onde foi extraído. De seguida, a autora, apresenta o projecto 'Terra-fica', um projecto executado por encomenda para um território específico na região Alentejana, em Portugal. Matéria, espaço e projeto desenvolveram-se em sintonia numa ligação simbiótica com as funções e características do território, procurando um diálogo claro e participado entre todos os elementos, mas também cruzando práticas e concepções que passam pela escultura e pela arquitectura paisagística, avaliando justaposições e idiosincrasias de cada processo.

O território a que designamos paisagem tem, como nos propõe Najjar em 'Netropolis', sofrido forte metamorfose, sobrepondo-se cada vez mais a condição de que um território físico está implicado com outro de natureza digital e tecnológica. Assim, não será por acaso que, como referido no artigo 'Interações entre o espaço público físico e o virtual: a Praça Mauá, Rio de Janeiro', o espaço se vem sobrepondo, em que um é pensado para funcionar na relação com o outro e vice-versa. Esta transformação tem

sido ainda mais evidente com a continuada disseminação de imagens e conteúdos que o território recente da internet tem imposto, partilhado e participado, na redefinição das noções de paisagem. A interferência de elementos ficcionais na construção da noção de paisagem pode assumir ainda elementos de natureza cultural, concreta ou ficcional, como se observa nas leituras de paisagem propostas por Maria Luz Bañón, María Victoria Sánchez Giner e Manuel Fernández Díaz. A paisagem resulta de construção cultural onde a identidade, função e geografia, moldam a construção de um ideário de paisagem, sempre em reajuste e até paradoxal com os substratos anteriores. A reconstrução das noções de paisagem construídas pela reconfiguração de elementos fragmentários relativos à memória, ao arquivo ou outros, permite edificar significados que aproximam e se distanciam dos elementos precedentes, como se observa no texto de Luís Fortunato Lima e na prática autoral de Luz Bañón, mas também na obra de Bleda y Rosa que Giner e Díaz citam. A paisagem é coisa cultural manifestando-se na co-construção dos seus elementos geográfico, espacio-temporal, e identitário, onde os eventos se vão sucedendo na edificação de algo distinto, quer na forma, quer na interpretação. Assim, não será de estranhar que a própria relação com o espaço possa ser conceptualizada e mesmo operacionalizada como ocorre na prática de Piranesi, Luz Bañón, Domènec Corbella, ou do grupo Puzzle, que Sabino refere, podendo refletir-se de forma mais ou menos pragmática, como proposto por Shintao e Corbella, Sofia Torres, Pelaez Bravo, Luís Fortunato Lima e Susana Piteira.

Por fim, a iminência de uma consciência ética parece trespassar todos os textos numa profunda relação com os elementos e os utilizadores com o território, talvez imposto por uma condição filosófica de equilíbrio com o natural, ou pelas transformações que caracterizam o Antropoceno, mas sobretudo, numa necessidade de compreender os tempos complexos em que vivemos. A condição Pandémica nunca, até aqui registada, convocou um sentimento generalizado de respeito pelo território e pela Natureza, onde obviamente, o animal humano se inscreve.

Desta forma, este dossier, pretende, em última instância, lançar algum entendimento sobre o lugar onde nos inscrevemos, sobre a forma como dialogamos e o codificamos, bem como a solicitação de um papel mais intermediário entre as acções humanas e os elementos que fomos tecendo sobre o território, positivos e, sobretudo, os negativos.

É tempo de mudança, é tempo de reajuste, é tempo de assumir que papel ambicionamos para a paisagem, agora objeto de proteção e não como espaço apenas de observação, algo que no texto de Sabino é radicalmente exposto, numa clarividência desarmante, numa condição poética-interventiva, algo que os artistas têm, cada vez mais, vindo a assumir.

Concluo agradecendo a oportunidade de coordenar este dossier, a convite da Revista Visuais e de Mauricius Martins Farina, esperando participar num debate que venha a enriquecer a publicação, da mesma forma que me enriqueceu a mim.

Muito obrigado a todos, sem exceção!

Referências

Berleant, A., (2005), *Aesthetics and Environment: Variations on a Theme*, Ashgate Publishing Company, Burlington, Printed in United States of America

Bitforms gallery / Najjar, Michael (eds.) (2004): "netropolis" Berlin, Germany

Costa, Tiago; Serra, Rui (2020): *Vestígios do Antropoceno: Os Fenómenos da Domesticação e Extinção na Arte Contemporânea*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes

Davis, Heather; Turpin, Etienne (2015): *Art in The Anthropocene: Encounters Among Aesthetics, Politics, Environments and Epistemologies*. Reino Unido: Open Humanities Press, 2015

Kastner, Jeffrey (2012): *Nature*. Londres: Whitechapel Gallery.

Lewis, Simon; Maslin, Mark A. – *Defining the Anthropocene*. *Nature* [online], vol. 519, (2015). [Consult. 2020/01/17] disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273467448_Defining_the_Anthropocene.

Loureiro, Domingos (2016): *Sublime e Constrangimento*, Tese de Doutoramento. Orientação Francisco Laranjo. Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes

Mckibben, Bill – *The End of Nature* [1989] (2006). Nova Iorque: Random House

Najjar, Michael (ed.) (2011): "high altitude" Kerber Verlag, Bielefeld, Germany

WIRED Magazine: Alyssa Coppelman, *Training to Become the First Civilian Artist in Space*, August 6, 2015. Disponível em <https://www.wired.com/2015/06/michael-najjar-outer-space/>